



A Cidade Maravilhosa no rádio carioca em 1920 e 1930¹

Mariana Zibordi Pelegrini²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho pretende estudar a influência do rádio no imaginário do Rio de Janeiro na década de 1920 e 1930. O período analisado tem como marco a música, do carnaval de 1935, intitulada “Cidade Maravilhosa”, de André Filho. Nesta época, a cidade havia emergido diante de um processo de valorização de sua imagem nacional e de suas estruturas urbanas, processo que se iniciou no final do século XIX durante a *Belle Époque* da cidade. Vamos observar como este imaginário foi sendo construído também nos meios de comunicação, sobretudo no rádio. Para tanto, vamos analisar o rádio no Rio de Janeiro durante seu início na década de 1920 e seu desenvolvimento na década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio, Rio de Janeiro, Cidade, Imaginário,

Introdução

A Cidade Maravilhosa foi construída, fruto de uma reestruturação urbana que soube conciliar a natureza de praias, montanhas e florestas, com as construções metropolitanas que se tornaram marcos da arquitetura e do urbanismo brasileiro. Como observa o autor Renato Cordeiro Gomes (1994), a Cidade Maravilhosa é o resultado do projeto de modernizar o Rio, de modificar o imaginário da cidade colonial e os abolir os vestígios que indicavam empecilhos ao progresso civilizatório. O Rio de Janeiro torna-se um modelo, inspirado na ambientação de uma natureza magnífica juntamente com a urbanização civilizatória, o que complementa a cidade, preparando-a e idealizando-a para a modernidade. É importante destacar que a natureza especialmente sempre foi um fator responsável em adjetivar os territórios cariocas, desde a colônia e a monarquia, entretanto, a urbanização nunca foi prioridade durante esses períodos. Foi na República que a Cidade Maravilhosa começou a ser construída e representada.

A capital brasileira foi deixando de ser apenas um centro político brasileiro, mas uma cidade estimada para o país e reconhecida pelo mundo. O Rio foi se tornando o cartão de visitas do Brasil e batizado de *Ville Merveilleuse* pela francesa Jeanne Catulle Mendes. Porém, os franceses não eram os únicos a estimarem a paisagem carioca, mas

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, email: mariana.pelegrini@gmail.com.



como foi colocado, o Brasil todo se encantava pela metrópole. Antes deles, o escritor Coelho Neto em 1908 já intitulava a cidade com a expressão.

Na década de 1920 a radiodifusão entra em cena e dissemina comportamentos para a população do Rio. A retratação da cidade pela mídia traça narrativas e incorpora imagens às representações urbanas. É certo que uma cidade como o Rio, capital brasileira, também foi retratada em palavras e linhas por escritores brasileiros, mas veremos que o rádio, principalmente nos anos 1930, inicia as características de um meio massivo de comunicação, fazendo com que as imagens da cidade ganhem mais difusão pela mídia.

O rádio é um meio caracterizado por sua facilidade de compreensão já que utiliza um sentido, a audição. Desde sua origem até o sucesso da transmissão das emissoras, o rádio foi, aos poucos, tornando-se um importante veículo de informações, na medida em que diferentes classes da população tiveram acesso ao veículo. Tanto que, já nos anos 1940, as estrelas do rádio, os músicos, as cantoras e os locutores configuravam-se ícones da população brasileira.

Para compreendermos a hipótese desta pesquisa sobre o papel do rádio na divulgação da imagem da Cidade Maravilhosa, pretendemos detalhar o início da emissão radiofônica principalmente no Rio de Janeiro, assim como a relação do veículo com a modernidade das décadas de 1920 e 1930. Nessa última década, mostra-se importante analisar a difusão radiofônica até meados de 1937, ano que marca dois fatores importantes para este trabalho: a mudança do panorama político brasileiro para o Estado Novo e a repercussão da música “Cidade Maravilhosa”. Com o Estado Novo, o rádio passa a ocupar um papel mais determinante na veiculação de informação no Brasil, mas o que nos interessa é acompanhar justamente o período da transformação do veículo.

Para tanto, vamos destacar as características do rádio e os fatos históricos que iniciaram a popularização do meio entre as camadas mais populares da sociedade carioca, também o comparando com os outros meios de comunicação da época. Outro objetivo é também analisar a relação de mídia e cidade, relacionando o a influência do rádio na representação urbana do Rio de Janeiro nesses períodos.

O rádio no Brasil e no Rio de Janeiro: início e desenvolvimento



A caminho do rádio no Rio de Janeiro se sucede a dois importantes meios de comunicação já instaurados. A imprensa, exemplificada pelos jornais que no final do século XIX e início do século XX passou a ser cotidiano, e pela crônica, que ganhou mais espaço nas publicações. E o cinema, que com energia elétrica disponível, a cidade viveu a época de ouro do cinema brasileiro, entre 1908 e 1911, somando 963 produções nacionais registradas no período. Porém, o ano seguinte foi marcado pela tomada estrangeira do mercado, e assim se sucedeu durante uma década. Até que, entre 1923 e 1933, a produção brasileira começa a se sobressair novamente, mas ainda de maneira tímida. (GOMES, 1980). O rádio inicia sua trajetória em meio esse cenário midiático, juntamente com a revitalização da capital, no período da *Belle Époque*, em meio à modernização do Rio de Janeiro.

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica³ aconteceu em setembro de 1922, durante as festividades do Centenário da Independência. Os pavilhões da feira internacional comemorativa foram construídos na esplanada do Castelo, local que surgiu após o desmonte do Morro do Castelo, uma das grandes intervenções urbanas que ocorreram durante a *Belle Époque* do Rio.

O rádio aparece no Rio de Janeiro em meio a esse espírito de modernização urbana, como meio de comunicação tradutor por excelência do “novo” que começava a ser mostrado à sociedade naquele início do século XX. (MOREIRA, 2002-2003, p.43)

Em 1923, foi fundada a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro “pelo médico, antropólogo, cientista e professor Edgard Roquete Pinto”. (MOREIRA, 2002-2003). No início, as emissoras constituíam-se como associações, na qual os ouvintes eram sócios e contribuía com mensalidades, já que não havia fins comerciais. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, idealizada por Roquette Pinto se caracterizava por ser “um meio de comunicação voltado principalmente para a transmissão de educação e cultura” (MOREIRA, 2002, p.23). Não obstante, as revistas voltadas para o serviço de radiodifusão, distribuídas para os sócios da Rádio Sociedade, traziam em seu conteúdo conotações científicas, culturais e educativas, além da programação da Rádio. Essas revistas foram pioneiras na especialização do conteúdo radiofônico. Primeiramente, sob a direção de Roquete Pinto, foi lançado o periódico

³ Existe, no entanto, uma polêmica sobre primeira emissão radiofônica brasileira, pois em 1919, na cidade de Recife, um grupo amador de recepção telegráfica fundou o Rádio Clube de Pernambuco que realizou também em 1922, testes com transmissores franceses de radiotelegrafia.



quinzenal “Rádio⁴”, em outubro de 1923. Posteriormente, em fevereiro de 1926, a Rádio Sociedade lançou uma nova revista, “Electron⁵” que também priorizava em seus textos, informações sobre tecnologia, educação, notícias culturais e o detalhamento da programação, assim como sua antecessora.

Moreira (2002-2003) aponta que durante o início da radiodifusão, entre 1922 e 1932, quando a emissão radiofônica seguia um modelo educativo iniciado pela Rádio Sociedade, os endereços ocupados pelas emissoras cariocas nos apontam a inserção do rádio no espaço urbano da cidade, fornecendo, deste modo, “uma noção mais aproximada do ambiente formado pelas forças políticas, econômicas, sociais e acadêmicas em meio ao qual se instalou, na época, a nova mídia” (IDEM, p.44). A Rádio Sociedade foi anunciada nos salões da Academia Brasileira de Ciências e seus transmissores foram instalados no anfiteatro de Física da Escola Politécnica. A emissora se alojou nas imediações da Avenida Rio Branco e posteriormente ocupou o Pavilhão da Tchecoslováquia, local que foi cedido pelo próprio país estrangeiro após o encerramento da feira internacional do Centenário da Independência.

Do prédio erguido na Esplanada do castelo, a Rádio Sociedade começou a transmitir sua programação para a cidade. Registro daquele período indica que, “em 7 de setembro de 1923, já de posse da Estação Pekan que lhe fora oferecida pela Casa Pekan, de Buenos Aires, começou a transmitir regularmente. Na sua sede atual, a Companhia Radiotelegraphica Brasileira instalou a estação Marconi, de que se serve a Rádio Sociedade. Essa estação tem potência, no primário, de 6kW, transmitindo em onda de quatrocentos metros”. No trecho urbano planejado para aparecer ao mundo como vitrine da atmosfera existente no Brasil, símbolo de outra etapa na trajetória de desenvolvimento da nação, instala-se em definitivo o novíssimo meio de comunicação eletrônica, o rádio. Na década de 1920, como centro do poder decisório nacional, o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, refletia o espírito da época na ocupação do centro da cidade. As transmissões da Rádio Sociedade difundiam o avanço da tecnologia de comunicação a distância, gerando impulsos sonoros disseminados na forma de discursos e peças musicais, e repercutiam os acontecimentos para a sociedade local e nacional. (IDEM, p44)

As emissoras precursoras que foram fundadas no Rio de Janeiro, durante 1920 e 1930, seguiram a rota do Centro e Zona Portuária. Depois da Rádio Sociedade também se instalaram a Rádio Clube do Brasil, fundada em 1924 no Largo da Carioca, a Rádio Educadora do Brasil, que surgiu em 1926 no centro do Rio, e a Rádio Mayrink Veiga, também de 1926 localizada na região portuária da Praça Mauá. Posteriormente são

⁴ Disponível em <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=60>, acessado em 15 de setembro de 2010.

⁵ Disponível em <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>, acessado em 15 de setembro de 2010.



iniciadas as transmissões da Rádio Philips e a Rádio Transmissora Brasileira, fundadas em 1930 e 1936, respectivamente.

A Rádio Jornal do Brasil, de 1935, também teve sua sede no centro do Rio, na Avenida Rio Branco. No mesmo ano, a Rádio Tupi se instalou na zona portuária, e posteriormente se deslocou para a Praça Mauá. Na Rua do Mercado, também na região central, encontrava-se a Rádio Transmissora Brasileira que começou a operar em 1936. Com uma proposta diferente das outras rádios, a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal foi inaugurada em 1934 pelo já radialista Roquette-Pinto e o educador Anísio Teixeira, no Largo da Carioca. A exceção da localização no centro do Rio, a Rádio Cruzeiro do Sul, foi fundada em 1933 numa residência da Tijuca, mas que depois se fixou na Cinelândia. Essa emissora foi pioneira nos programas de calouros em 1935. E finalmente, também podemos citar a importante Rádio Nacional, fundada 1933 na Praça Mauá.

O Centro do Rio de Janeiro e toda sua região revitalizada pelas reformas urbanas da *Belle Époque* receberam o novo meio de comunicação eletrônico que dialogava com a modernidade instaurada na urbanização da cidade. O rádio também trouxe a modernidade para dentro das casas das famílias cariocas, assim como outros novos aparelhos eletrodomésticos que surgiam na época, pois precisavam de uma nova estrutura para a eletricidade de suas residências (AZEVEDO, 2002, p57).

Moreira e Saroldi descrevem que se iniciou uma radiomania no país, já que a população começou a instalar antenas para nos telhados para conseguir a recepção do sinal em suas casas. “Segundo descrição do radialista Almirante em um dos programas da série A Nova História do Rio pela Música, a cidade vista de cima assume um ‘curioso aspecto de cais de saveiros’, com ‘centenas de mastros espetados para o céu’” (IDEM, p.22).

O desenvolvimento do rádio carioca

O novo veículo, no entanto, ainda era caro para a população brasileira, porém o interesse pelo novo meio continuou a crescer. Em 1932, com a primeira regulamentação radiofônica e a abertura da publicidade no rádio, o perfil das emissoras brasileiras começaram a modificar. Antes, durante boa parte da década de 1920, as demais emissoras (Club do Brasil, Educadora e Mayrinck Veiga) também operavam sob o formato da Rádio Sociedade. (MOREIRA, 2002, p.22). Contudo, medidas do governo

de Getúlio Vargas apontavam a popularização do veículo, tanto através do acesso ao aparelho de rádio, quanto nas programações das emissoras, que começou a se destinar ao consumo de produtos culturais.

Braga (2002) ao analisar o período radiofônico entre 1930 e 1945 observa uma tendência, ainda que discreta e difusa, de uma mercantilização da cultura, indicada nas palavras dos literários e jornalistas da época e nas vozes radialistas dos “representantes da cultura”. Foi possível para que o samba carioca, por exemplo, ganhasse força em meio à manifestação musical erudita da programação das rádios. Esse aspecto do rádio brasileiro foi ganhando forças exatamente nesse período. Nos anos 1920, com a inserção do rádio no Brasil havia um projeto com o caráter educativo e cultural, modelo elaborado principalmente por Roquete Pinto para a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que foi incorporado na criação de outras emissoras radiofônicas. Roquete Pinto acreditava que o novo meio, aplicado sob este ideal educativo tinha a capacidade de transformar o homem⁶.

Mas é no albor dos anos 30 que a radiodifusão no Brasil começará a invadir o espaço privado da vida no Rio de Janeiro e passará a exercer um impacto profundo e transformador da cultura, num nível que será intenso nos anos 40. Nas crônicas de Martins Castello Genolino Amado, Aluizio Rocha e nas “croniquetas” das “seções de rádio” de jornais e revistas da época, pode-se perceber o rumo traçado para o rádio brasileiro: à base de publicidade com destinação comercial de modelo norte-americano, modelo não raro contestado mormente pelo conflito inicial provocado pelo uso cada vez mais intenso da propaganda – liberada por decreto de Vargas, em 1932, na percentagem de 10% da programação radiofônica total. (IDEM, p.56)

Nos anos de 1930 havia, em todo o país, 16 emissoras. De acordo com o estudo de Braga (2002), no Rio de Janeiro operavam cinco das estações brasileiras de ondas médias. Assim, o novo modelo abre espaço para as publicidades, desenvolvendo a concorrência, tal como o desenvolvimento do mercado e a reorganização da administração, programação, edição, locução, propaganda, distribuição do serviço radiofônico. (SEVCENKO, 1998). Azevedo (2002), com base nos estudos de Martín-Barbero, explica que a massificação do rádio ocorreu a partir desse período (1930) e em toda a América Latina, até chegar ao ápice nos anos de 1950.

José Cardoso Ferrão Neto (2010) em trabalho sobre a oralidade e o letramento no Brasil descreve que, ainda que o cinema tenha sido importante para a “oralização das práticas culturais dos brasileiros na sua relação com a mídia” (IDEM, p.232), foi o rádio

⁶ Dito em seu discurso inaugural de fundação da Rádio Sociedade em 20 de abril de 1923, in Sampaio, Mário Ferraz. História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo (a visão de um pioneiro). S. Paulo, Edições Achiamé, 1984, p.133.



que instaurou a oralidade nos meios de comunicação massivos. Justamente na década de 1930, o veículo direcionou-se para a programação popular e, com o apoio político no início da Grande Era Vargas, houve “inserção definitiva dos analfabetos no mundo da mídia” (IDEM, p. 232). Isso porque, segundo Neto, a oralidade brasileira é herança cultural historicamente presente no sistema de exploração colonial, na qual o letramento se mostrava presente numa parcela minoritária da população.

O som, portanto, é o diferencial da grande revolução oralizada que os meios elétricos ajudam a promover, inclusive pelo potencial de gerar imagens, ainda que na mente do ouvinte e desprovidas de outro suporte material. (...) os grunhidos de nossos antepassados pré-históricos, as pregações de Lutero que iam junto com a distribuição dos folhetos, os círculos de leitura em voz alta, o grito dos pequenos vendedores de jornais, o comentário das notícias do dia em frente aos quiosques, a necessidade da voz de um intérprete para acompanhar as imagens televisivas e o fenômeno atual da compreensão de texto e imagem num aparelho celular, cujo uso primordial ainda se prende à fala e à audição, mais do que comprovam a força do som na comunicação oralizada (IDEM, p. 233).

As crônicas escritas, porém, não dialogavam com a maioria da população analfabeta. A vocação do rádio, desde o princípio educativo de Roquete Pinto até as políticas de popularização da programação no governo Vargas, esteve focada na comunicação para esta parcela da população. O rádio possibilitou o contato da população com as crônicas, que se adaptaram ao veículo por meio da linguagem simples e direta, intensificada pelo uso de um único sentido – a audição.

Se a crônica fazia tanto sucesso no jornal impresso, por que não haveria lugar para ela no novo meio de comunicação que surgia, o rádio? A sua passagem de um veículo para o outro aconteceu naturalmente e na década de 30 já existiam vários programas de crônicas no ar em emissoras de rádio cariocas e paulistas. (REZENDE, 2005, p.113).

A canção que marcou o imaginário carioca foi justamente inspirada em um programa crônicas do rádio intitulado “Crônicas da Cidade Maravilhosa”, redigidas pelo jornalista Genolino Amado, a partir de 1933. “O título do programa, que ficou no ar por mais de dez anos, inspirou o compositor André Filho na criação da marcha que se tornou um emblema de louvação ao Rio” (SANTANA, 2000, p.33). A canção “Cidade Maravilhosa” tornou-se célebre no carnaval carioca de 1935 e fixou-se para sempre, “guardando o poder de exaltar e de celebrar um ideal, não tem, por outro lado, o tom marcial e solene dos hinos em geral” (GOMES, 1994, p.103).



Crônicas da Cidade Maravilhosa ficou no ar na Rádio Mayrink Veiga durante 15 anos. Posteriormente passou para a Rádio Nacional onde também fez sucesso. As crônicas de Genolino Amado fazem parte de um tempo em que o rádio predominou como meio de comunicação no Brasil. Seu jeito de falar do dia a dia do Rio de Janeiro inspirou o compositor André Filho a compor a marcha que se tornou hino oficial da cidade. (REZENDE, 2004, p.3)

Considerações Finais

A relação entre o rádio e o Rio de Janeiro em 1930 faz parte de uma dinâmica instaurada entre os meios de comunicação e a cidade. A representação urbana deste período ganha espaço em uma mídia massiva, fazendo com que esse imaginário consiga influenciar as visões da cidade criadas por sua população. A interação entre a mídia e o espaço urbano é tão abrangente que influi na sociabilidade da cidade. A cidade imaginária traçada pelas representações e pela mídia convive mutuamente com a cidade material. A experiência cotidiana, com peculiaridades do espaço urbano cria uma imagem para o sujeito que nele habita. Mas esse imaginário, por sua vez, também é traçado pelos meios de comunicação.

De acordo com a pesquisadora Lucrecia D'Alessio Ferrara (2002) a história de uma cidade parte dos fluxos transcorridos por entre esses lugares. A imagem da cidade é traçada por essa “visualidade das formas que a constroem, os ícones que permitem discriminar sua leitura, ao mesmo tempo em que se percorre as etapas da sua construção” (IDEM, p.126). São os registros fotográficos captados durante o fluxo histórico ou os dados coletados pela imprensa, são os signos que permitem a visibilidade, a iconografia do objeto, ou seja, a cidade.

Certeau, Giard e Mayol (2000), anunciavam a característica polifônica dos ambientes urbanos. Em suas construções, a cidade traz inscrições de cultura e história, partilhadas por experiências coletivas ou individuais. A multiplicidade é essencial para a cidade. Ao inscrever o cotidiano como elemento exemplar do espaço da urbe, os autores enfatizam a importância dos gestos e relatos e como esse processos, um tático e outro lingüístico, estruturam a experiência da cidade. “Habitar é narrativizar” (IDEM, 2000, p.201).

No que diz respeito à urbe, essas visões da cidade seguem o padrão da heterogeneidade, assim como indica Pryston (2007) ao refletir sobre o ensaio de Carl Schorske (2000) intitulado “A cidade segundo o pensamento europeu”:

A cidade vista como virtude implica a crença da vida urbana como base da dinâmica da civilização – esta abordagem podendo ser encontrada em Adam



Smith, Voltaire, Fichte. Ao mesmo tempo, a cidade como vício, como destruição do campo, da tradição, como extremo negativo da diversidade, como prisão do operário vai ser uma imagem extremamente reforçada por um cenário urbano industrial e compartilhada por artistas, pensadores e planejadores por meio de projetos utópicos (Fourier), estéticas e idéias arcaizantes (Ruskin, Morris, pré-rafaelitas), pela crítica iluminista e futurista (Marx e Engels), pelos romances naturalistas que denunciavam as suas iniquidades (Zola), por manifestos totalitários e nacionalistas (Léon Daudet, Maurice Barrès, protonazistas). (PRYSTON, 2007, p.8)

No caso do rádio percebemos o iniciar desse processo nas décadas de 1920 e 1930, de como as emissoras ocupam os territórios da cidade primeiramente, nos indicando um mapa do centro urbano do Rio de Janeiro, capital da República. Os meios de comunicação vão se instalar justamente nessa posição central do desenvolvimento urbano. Além do espaço físico o rádio também vai influenciar nas relações dos indivíduos com a cidade, mapeando um cotidiano cidadão através das crônicas radialistas. É, exatamente como aponta Gomes (1994), a “celebração de um ideal”. Trata-se da cidade idealizada, assim como todas as características que fazem parte deste imaginário: o povo, o samba, a alegria, a natureza, a beleza a retratação do que indicaria a alma do povo brasileiro, inspirada no cotidiano de sua capital, sinalizada pela benção do Cristo Redentor, inaugurado em 1931.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Lia Calabre de. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923-1960)**. Tese de Doutorado. Departamento de História, UFF, Niterói, 2002.
- BRAGA, Luiz Otávio R. C. **A Invenção da Música Popular Brasileira: de 1930 ao final do Estado Novo**. Tese de Doutorado. IFCS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MELLO, Zuza Homem de; SEVERIANO, Jairo. **A canção no tempo**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis - Uma reflexão em busca da autoestima**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.
- _____. **A Porção Carioca do Rádio Brasileiro**. In: Revista USP, São Paulo, nº 56, p. 42-47, 2002-2003.



_____. **Rádio Palanque - fazendo política no ar.** Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

MOREIRA, Sonia Virgínia e SAROLDI, Luiz Carlos. **Rádio nacional, o Brasil em Sintonia.** Rio de Janeiro: Funarte, 1994.

_____. **Rádio nacional, o Brasil em Sintonia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

NETO, José Cardoso Ferrão. **Mídia, Oralidade e Letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler.** Tese de Doutorado. Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PRYSTHON, Angela. **Cidades visíveis. Fragmentos da vida urbana brasileira em cinema e TV contemporâneos.** São Paulo: Comunicação, Mídia e Consumo, v. 4, 2007.

REZENDE, Vera Lúcia Guimarães. **Dinorath do Valle nas ondas da Rádio Independência AM: Um estudo sobre a crônica radiofônica.** Araçatuba, Regiocom, 2004.

_____. **Independência 1290 AM, “A Rádio Eclética da Cidade”.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Marília, Marília, 2005.

SANTANA, Jeová Silva. **A crítica cultural no ensaio e na crônica de Genolino Amado.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SIMMEL. George. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: VELHO, Otávio G (org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.